

## Uma acusação insólita — comentários à réplica de José Manuel Sobral e Pedro Tavares de Almeida

A minha «resposta» à acusação de JMS e PTA é suficientemente esclarecedora do contexto em que produzi o ensaio do *Portugal Contemporâneo* e dos conhecimentos que possuo sobre as matérias tratadas. Daí que esta «réplica» me mereça um comentário brave, apenas para precisar algumas questões.

Relativamente ao ponto 1, considera-se «irrelevante» a minha investigação pessoal, mas dá-se relevo a uma cronologia que, de facto, eu não subverti. Basta ler com atenção a parte introdutória da minha resposta para se verificar que não faço a insinuação que aqui me é atribuída. Não me refiro a investigações mas sim à publicação de um artigo. Além do mais, não discuto a «anterioridade» de qualquer investigação, pela simples razão de que nunca questioneei os conhecimentos de JMS e PTA. O que faço é demonstrar os *meus* conhecimentos sobre as matérias abordadas.

Quanto ao ponto 2, convém precisar que a minha indignação não se refere apenas à citação de Elias Garcia. Eu indigno-me, *também*, pelo facto de ser acusado de plágio quando cito Oliveira Martins e José Barbosa, e quando sigo de perto outras fontes referenciadas na minha resposta.

No ponto 3, sou agora acusado de dizer apenas «parte da verdade». Mas, a propósito do gráfico «População e Eleitores em Portugal», se é certo que referencio o *Censo Eleitoral da Metrópole*, também acrescento, e demonstro, que o *Diário do Governo* é igualmente uma fonte por mim utilizada. As diferenças entre os dois gráficos, mesmo em relação a um dos anos considerados, demonstram que houve uma investigação pessoal e não uma apropriação do trabalho alheio. Concluem os meus acusadores que os dados utilizados eram desconhecidos antes da publicação do artigo de PTA. É claro que eram desconhecidos... de quem desconhece as fontes!

Quanto ao ponto 4, tudo o que diz respeito ao gráfico «Participação Eleitoral na Cidade de Lisboa» já foi esclarecido e demonstrado pelo original

---

\* Escola Superior de Educação de Santarém.

que anexo à minha resposta. As falhas editoriais também foram suficientemente clarificadas. O problema consiste, agora, em querer ou não considerar os argumentos que apresentei.

Finalmente, um comentário ao tipo de linguagem utilizada pelos acusadores. Adjectivos como «patético» e «indigente», e juízos de valor como «falta de seriedade, e «irresponsabilidade» são inteiramente estranhos a qualquer debate científico. O recurso a estes excessos é incompreensível sempre que os argumentos científicos são suficientemente sólidos.

Por mim, recuso-me a enveredar por tais caminhos. E repito o que já escrevi: estou à disposição da comunidade científica e de qualquer pessoa que comigo queira debater, cientificamente, as temáticas abordadas nos textos por mim produzidos.

*6 de Agosto de 1995.*